

## HISTÓRIA DO ANTISSEMITISMO

**Ana Carolina Alves da Silva..... Professora Dra. Valéria Zanetti**

Universidade do Vale do Paraíba- Faculdade de Educação e Artes, Av. Shishima Hifumi, nº 2911, Urbanova – CEP 12244-000 – São José dos Campos/SP, [carolinaana967@gmail.com](mailto:carolinaana967@gmail.com); [carolinaana967@gmail.com](mailto:carolinaana967@gmail.com), [vzanetti@univap.br](mailto:vzanetti@univap.br)

**Resumo** - o presente artigo apresenta um debate historiográfico acerca do antissemitismo, termo que designa manifestações de hostilidade contra judeus, tendo como enfoque dois momentos ímpares na história europeia: a Inquisição Espanhola, instaurada em 1478 pelo papa Xisto IV a pedido da rainha Isabel de Castela; e o Holocausto, genocídio em massa que custou a vida de milhões de judeus no século XX. Busca-se apontar os fatores que podem ter causado ou corroborado na construção dessa ideologia em cada um desses episódios, para então averiguar se há compatibilidade nos motivos que fundamentaram uma política de perseguição, terror e extermínio dos judeus.

**Palavras-chave:** Antissemitismo; Judeus; Economia; Nacionalismo; História.

**Área do Conhecimento:** Ciências Humanas

### Introdução

Segundo o European Monitoring Centre on Racism and Xenophobia, é considerado antissemitismo “qualquer ato ou atitude que se baseia na percepção de um sujeito social (individual, grupo, instituição ou país)” como “o (enganoso, corrupto, conspiratório, etc) judeu”. Seu significado acompanha as transformações sociais de uma sociedade, sendo, portanto, um fenômeno histórico. As manifestações antisemitas podem se manifestar tanto pelas formas verbais quanto atentados violentos.

Desde a Antiguidade até a Modernidade, encontram-se manifestações de repúdio aos judeus. Gérald Messadié atribui essa aversão, que durou vinte e três séculos, ao fato da comunidade judaica se recusar a “se submeter aos jugos das culturas estrangeiras e à renúncia da judeidade em troca dos benefícios da assimilação” (MESSADIÉ, 2010 : 402).

Embora seja amplo o número de episódios de perseguição e terror aos judeus, este artigo pretende tratar, especificamente, da Inquisição Espanhola no século XV, um dos mais sangrentos e longos Tribunais Inquisitoriais da história; e do Holocausto, também conhecido como Shoah, prática de perseguição e extermínio, principalmente de judeus, durante o nazismo no século XX. Nesses dois momentos históricos busca-se encontrar e discutir os elementos que subsidiaram a construção do sentimento antisemita, e verificar se há algum que se sobressaia em cada um desses casos.

### Metodologia

O tema situa-se no âmbito da História Social e a discussão se realizou por meio de pesquisa teórica com base bibliográfica.

### Resultados

Com este trabalho foi possível compreender melhor como a política antisemita foi estruturada em dois momentos da história mundial. Mais ainda, foi possível identificar quais fatores foram mais expressivos nessa construção.

### Discussão

Os judeus foram, por mais de vinte séculos, um povo diásporo, ou seja, uma sociedade dispersa. Essa situação se originou após o cerco romano à Jerusalém, iniciado em 66 d.C que culminou na destruição da cidade em 70 d.C., pondo fim ao reino da Judéia e acarretando o êxodo dos judeus em

direção aos mais diversos territórios. Espalhando-se pela Europa, as comunidades judaicas enfrentaram, ao longo da história, épocas de paz e segurança que eram substituídas por períodos de terror e perseguição. (MESSADIÉ, 2010 : 86,95)

Um das regiões onde os judeus se direcionaram foi a que hoje corresponde à Espanha. Com o fim do Império Romano Ocidental, a região ficou sob o domínio dos visigodos. “Em 494, durante o reinado de Alarico II (de 484 a 507), os visigodos espalharam-se da Aquitânia até além dos Pireneus, ocuparam a Espanha” (MESSADIÉ, 2010 : 175), que sempre protegeram os imigrantes semitas (MESSADIÉ, 2010 : 169). No entanto em 589 aconteceu o Terceiro Concílio de Toledo, onde ficou decretado que o cristianismo seria a religião oficial do reino sob domínio visigodo.

Por conta de diferenças religiosas, em 612 começaram perseguições aos judeus, que só tiveram fim em 711 com a invasão dos muçulmanos (mouras) na Península Ibérica. A partir dessa época começou o que Gérald Messadié, chama de “época de ouro” para os judeus: “Uma idade de ouro começava para os judeus: os muçulmanos iriam protegê-los por ver neles, [...] os artesãos da prosperidade comercial de seu reino.” (MESSADIÉ, 2010 : 176)

A partir do século XII, com o apoio das Cruzadas, iniciaram as Guerras da Reconquista em toda Península Ibérica. Na Espanha esses conflitos colocaram termo ao período de convivência, relativamente pacífica entre muçulmanos e judeus. A princípio os cristãos procuraram ser brandos com relação aos judeus, mantendo muitos dos privilégios dados pelos mouras, todavia isso não durou muito. (MESSADIÉ, 2010 : 176)

Em 1215, no Quarto Concílio de Latrão, foi decretado que todos os judeus deveriam usar uma insígnia redonda amarelo-açafrão, para que não fossem confundidos com cristãos. Apesar de não ter sido cumprida na Espanha, essa ordem reaparecerá na história, séculos mais tarde, com Hitler, como aponta Anita Novinsky, em A Inquisição: “[...] a antecipação de sete séculos da ordem de Hitler, de que todos os judeus usassem a estrela de David [...]” (NOVINSKY, 1982 : 23)

O longo período de liberdade e tolerância, do qual os judeus desfrutaram, permitiu que se desenvolvessem e ocupassem cargos prestigiados na esfera político-econômica, como conselheiros e médicos de monarcas. Seu estilo de vida era comparável ao dos aristocratas. Com o desenvolvimento do comércio, uma classe média emergente queria participação nos lucros e na vida social da época, tal como os judeus já tinham. Criou-se, então, um confronto entre as burguesias judaica e cristã, o que foi explorado por aqueles que detinham o poder, principalmente a Igreja ansiosa por disseminar intensiva propaganda antijudaica, responsabilizando os judeus por todos os males que sobrevinham sob a nação. (NOVINSKY, 1982 : 24)

Logo começaram reivindicações para que fossem restritas aos judeus diversas atividades. Concomitantemente diversas revoltas de caráter antijudaico eclodiram, com destaque para a de 1391, quando diversas cidades sucumbiram a um tumulto que promoveu a morte de mais de 70.000 mil judeus, além da destruição de sinagogas e aljamas (bairros judaicos). Para sobreviver e salvar seus bens, judeus em massa, procuraram igrejas para serem batizados e convertidos em cristãos ou então fugiram, tanto para regiões que permaneciam sob o domínio muçumano quanto para o Leste Europeu. Essa escapatória encontrada gerou na sociedade da região três grupos que passaram a coexistir, como aponta Novinsky:

No âmago da sociedade espanhola cristã, passaram a coexistir três grupos com uma variedade de comportamentos e credos:

1. Os judeus que conseguiram salvar-se durante os massacres de 1391 e continuaram ligados à fé judaica;
2. Os que se converteram para salvar a vida, mas que depois de passado o perigo voltaram a praticar a antiga religião clandestinamente: são os criptojudeus ou judeus secretos;
3. Os que se converteram e se tornaram convictos e leais católicos [...]. (NOVINSKY, 1982 : 25,26)

Uma vez convertidos, os ex-judeus ou novos convertidos, conhecidos como “marronos” que significa porco em alusão a lei judaica que proibia aquele povo de ingerir carne suína, podiam

desfrutar de todos os direitos reservados aos cristãos. Prontamente os novos convertidos voltaram aos seus antigos ofícios, principalmente o de banqueiro.

No decorrer do século XV os reinos, que mais tarde constituiriam o Estado espanhol, passaram por crises político-econômicas, e os judeus foram considerados como causadores desses infortúnios pela minoria governante. Essa culpabilidade foi estendida aos novos convertidos, abrindo precedentes para que no ano de 1449, em Toledo, irrompesse um massacre direcionado, especificamente, aos convertidos (NOVINSKY, 1982 : 27). Inicia-se uma política racista, que se camuflava com a alegação de que os novos conversos eram falsos cristãos, mas que na verdade era fruto do antigo conflito entre burguesias. Essa política disseminou-se através dos “estatutos de sangue”, segundo o qual nenhum descendente de judeu ou mouro poderia pertencer às corporações profissionais ou cursar universidades até a sexta ou sétima geração, ou seja, já não bastava ser convertido, era necessário ser puro de sangue também. (NOVINSKY, 2010 : 28)

Em 1474 ascenderam ao trono os Reis Católicos, Fernando, de Aragão, e Isabel, de Castela. Buscando apoio, os novos reis estabelecem uma troca de favores com a Igreja e a burguesia cristã; em troca do amparo desses homens introduziram uma série de medidas restritivas com relação aos convertidos e judeus.

Os Reis Católicos negociaram com o papa Xisto IV a instauração de um Tribunal Inquisitorial. Embora a princípio o papa não tivesse se mostrado inclinado a consentir a ideia, em 1º de novembro de 1478 autorizou a nomeação de um inquisidor em Castela, e nos anos à frente vieram outras cidades proeminentes dos reinos. Por trás disso encontravam-se os cofres vazios do Tesouro e grande ambição de expulsar os mouros que ainda ocupavam a região de Granada, ao sul da Península Ibérica (NOVINSKY, 2010 : 31). Com o início da Inquisição, os cofres do Tesouro começaram a serem ocupados com os lucros oriundos da confiscação de bens dos condenados.

Em 1492, com os lucros obtidos com a Inquisição, os monarcas católicos conseguiram expulsar os mouros definitivamente. Ao unificarem politicamente a região, decretaram a expulsão dos judeus. Segundo Abraão Zacuto, cronista da época, 180.000 mil judeus deixaram a região da Espanha.



Figura 1. Mapa da Espanha no século XV  
Fonte: Google Imagens

Embora a questão religiosa, social e política estivessem envolvidas, é evidente que o fator decisivo na constituição do antissemitismo, no período que antecedeu a Inquisição Espanhola, foi o econômico, como aponta Henry Kamen, em sua obra *A inquisição na Espanha*: “A mais importante causa da hostilidade para com os judeus, entretanto, advinha de suas atividades financeiras” (KAMEN, 1966 : 22)

Assim como aconteceu na Inquisição Espanhola, séculos mais tarde, o antissemitismo vai servir como escusa para fins que sobrepujam a explicação aparente, na Alemanha do século XX.

Considerados como “nação dentro de outra nação” por Arendt em *As Origens do Totalitarismo*, os judeus nunca desejaram tanto serem assimilados por uma sociedade como no final do século XIX na

Alemanha, país que vivenciou a maior campanha antissemita no século seguinte. (MESSADIÉ,2010 : 340)

A animosidade que promoveu a morte de milhões de judeus nas décadas de 1930 e 1940 na Alemanha mostra seus primeiros vestígios ainda no século XIX. Hannah Arendt, filósofa política alemã de origem judaica no século XX, coloca em sua obra, *As origens do Totalitarismo*, que o antissemitismo moderno começa com a Unificação Alemã, em 1871, quando milhares de judeus lutaram na Guerra Franco-Prussiana, sob o comando de Otton Von Bismarck, que entendia o poder econômico que os judeus desempenhavam naquela sociedade. Os judeus desempenharam, principalmente, o ofício de banqueiros, portanto tinham grande poderio financeiro, que foi aplicado na indústria e permitiu que participassem da industrialização alemã intensamente. (MESSADIÉ,2010 : 342)

Com o início do Reich e a compreensão do papel que a comunidade judaica desempenhava, Bismarck, em 1871, declarou a emancipação dos judeus em toda a Alemanha, ou seja, concedeu “igualdade civil aos cidadãos de religião israelita” (MESSADIÉ,2010 : 344). Embora não fosse absoluta, havia certo sentimento de paz naquele corpo social. Sentimento que foi abalado por, basicamente, dois acontecimentos as novas gerações judias não estavam satisfeitas com a emancipação, ansiavam por mais, e muitos aderiram ao Sionismo, movimento político que defendia o direito dos judeus de terem sua pátria na região que a bíblia chamou de “Terra de Israel”, enquanto outra parte aderiu aos movimentos nacionalistas alemães; a influência dos judeus no Estado tornou-se evidente. (MESSADIÉ,2010 : 344-345).

Uma das consequências da criação do Estado germânico foi o sentimento alemão de pertencer a uma nação poderosa, que reivindicava uma cultura própria, excluindo, portanto, os judeus que eram produto de uma cultura perigosa para a raça alemã. O escândalo financeiro de 1873 só agravou essa situação, e reavivou os preconceitos antissemitas.

Em 1873, uma companhia judia de construção de estradas de ferro, que contava com associados também judeus, declarou falência, levando consigo diversas outras empresas que culminou no craque da bolsa. Muitos pequenos empresários haviam investido nessa companhia, e com a falência se viam arruinados. Por mais que não fossem os responsáveis, os judeus foram considerados culpados. (MESSADIÉ, 2010 : 349,350)

Esse sentimento de repúdio aos judeus ainda era presente durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), na Alemanha. Mas, de todo modo, a participação desse grupo na economia prosseguia em pleno vigor. Uma vez que o país inteiro se beneficiava desse desenvolvimento, os judeus tornaram-se preciosos no governo de Guilherme I.

Com o fim da primeira grande guerra veio a derrota e humilhação alemã no cenário mundial. Além disso, a Alemanha encontrava-se num impasse político: defender uma sociedade imperial ou apoiar uma aventura bolchevique? É importante ressaltar a presença de muitos judeus no movimento de esquerda, que almejava estabelecer uma ditadura do proletariado no país. (MESSADIÉ 2010 : 374).

Como conclusão, em 1919, nasce a República de Weimar, que ficou responsável por arcar com as dívidas da guerra, como estipulado no Tratado de Versalhes. Esses débitos geraram desemprego e aumento da inflação. O governo decidiu implantar o Plano Dawes, que garantiu crescimento da economia alemã entre 1924 e 1928, ate que aconteceu a quebra da bolsa de Nova York, em 1929, que colocou o país na mesma condição de anos atrás: desemprego, inflação, etc. (MESSADIÉ, 2010 : 372,373)

O cenário criado com a crise de 1929 possibilitou ao Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, abreviado como Nazismo, se impor na sociedade alemã, e Hitler, grande orador que era, começou a se destacar e conseguir apoio. Em 1933, o poder do Partido Nazista era tão forte que seu presidente designa Adolf Hitler como chanceler da Alemanha.

Assim como todos os movimentos totalitários na Europa, o nazismo disseminava a ideia de identidade nacional e pureza. Esses ideais agravavam o cenário dos judeus no corpo social alemão. Hitler negava a assimilação dos “agentes do inimigo”, e logo se iniciava a caça à todos que apresentavam perigo à “raça alemã”: comunistas, opositores, alcoólatras, ciganos, homossexuais e, sobretudo, judeus, que representavam todos os elementos perigosos aos do *Fuhrer* (líder em alemão).

Embora nos pareça inacreditável que uma sociedade possa ter tolerado e até mesmo colaborado com algo tão hediondo, é necessário relembrar que, para aquelas pessoas, a imagem da Alemanha no cenário mundial estava manchada graças àqueles que não pertenciam de fato à nação, e,

portanto, era necessário limpar essa mancha livrando o país daqueles que não tinham a pureza ariana.

Dessa forma, de 1933 a 1938 esse sentimento antissemita foi crescendo entre os alemães. Já em 1933 são criados os primeiros campos de concentração. Em 1935 são criadas as Leis de Nuremberg que, em suma, tiravam o direito de cidadania dos judeus. Após a ocupação da Polônia em 1939, os judeus são obrigados a viver nos guetos, regiões urbanas, geralmente cercadas, onde os alemães forçavam a população judaica local a morar, e usar uma faixa amarela no braço, que os identificava como semitas. (<https://www.ushmm.org/> . Acesso em 27 de maio de 2016)



Figura 2. Uma das primeiras fotos tiradas no campo de concentração de Dachau, onde veem-se os barracões [de prisioneiros] e a fábrica de munições. Dachau, Alemanha, março ou abril de 1933.

Fonte: National Archives and Records Administration, College Park, Md/ Enciclopedia do Holocausto.



Figura 3. Gueto de Varsóvia, maior gueto judaico estabelecido pelos nazistas na Polônia, durante o Holocausto

Fonte: [www.coisasjudaicas.com.br](http://www.coisasjudaicas.com.br)

Messadié aponta em seu livro que o catalisador do Holocausto foi a doutrina filosófica do Nihilismo, doutrina filosófica que indica pessimismo e ceticismo perante qualquer situação ou realidade:

Contudo, a obsessão de purificação é incompreensível sem um componente explosivo, exatamente o que dá especificidade alemã à Shoah: o nihilismo. (MESSADIÉ, 2010 : 379)

Em 1941 é que foi criado o plano de exterminação total dos judeus, conhecido como “Solução Final”. Com o fim do Holocausto, seis milhões de judeus haviam sido assassinados, dois terços de todos os judeus que viviam da Europa antes dos nazistas subirem ao poder.



É notório que, embora muitas esferas sociais tenham sido coadjuvantes na estruturação do antissemitismo moderno, o nacionalismo foi a chave mestra, que abriu as portas para o maior genocídio de judeus da história.

### Conclusão

Após o estudo e análise dos fatores que formaram o alicerce sobre o qual a política antissemita se desenvolveu em dois eventos históricos, é possível perceber que alguns fatores são mais proeminentes do que outros. Tratando-se da Inquisição Espanhola, encontra-se o fator econômico como destaque, enquanto que no Holocausto o nacionalismo foi o mais relevante.

Concorda-se com Messadié, quando o autor diz que: “o grande incitador do antissemitismo no século XX foi o nacionalismo, o mais das vezes associado ao capitalismo.” (MESSADIÉ, 2010 : 361). Digno de ser citado também é Henry Kamen, em sua obra *A inquisição na Espanha*: “A mais importante causa da hostilidade para com os judeus, entretanto, advinha de suas atividades financeiras” (KAMEN, 1966 : 22).

Para endossar essa visão encontra-se Arendt, que em sua obra traz a ideia de que o antissemitismo espanhol do século XV e o alemão do século XX são diferentes. (ARENDR, 2012 : 10). Ainda que não aborde diretamente em que aspectos diferem-se, deixa claro que há distinção.

### Referências

- MESSADIÉ, Gérald. *História do Antissemitismo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- ARENDR, Hannah. *As Origens do Totalitarismo*. 1ª ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.
- NOVINSKY, Anita. *A Inquisição*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense S.A., 1985.
- KAMEN, Henry. *A Inquisição na Espanha*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1966.
- SORJ, Bila. *Anti-semitismo na Europa hoje*. Novos estud. - CEBRAP no.79 São Paulo Nov. 2007.
- JUNIOR, Douglas Garcia Alves. *Depois de Auschwitz: a questão do anti-semitismo em Theodor W. Adorno*. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2003.
- <http://www.coisasjudaicas.com/2012/12/shoah-em-albuns-nazistas.html>. Acesso em 28 de maio de 2016
- [https://www.google.com.br/search?q=mapa+de+castela&espv=2&biw=1366&bih=643&source=Inms&tbnm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifpPrM5\\_3MAhVJD5AKHajaCbAQ\\_AUIBygC#imgcr=tZIFcFHisYtRiM%3A](https://www.google.com.br/search?q=mapa+de+castela&espv=2&biw=1366&bih=643&source=Inms&tbnm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwifpPrM5_3MAhVJD5AKHajaCbAQ_AUIBygC#imgcr=tZIFcFHisYtRiM%3A). Acesso em 27 de maio de 2016.
- <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005214>. Acesso em 28 de maio de 2016